

João Caupers

Melancolias

E cá estamos nós em 2012. Parece que foi profetizado que seria o nosso último ano. Já não sei se pelos maias, se pela *troika*.

Com ele, os filmes catástrofe voltaram a estar na moda. Até o circunspecto Lars von Trier não resistiu à tentação.

Os filmes que se ocupam de catástrofes planetárias podem classificar-se, quanto às causas da tragédia, em três tipos: causas humanas, causas naturais e causas extraterrestres.

Os primeiros, já um tanto fora de moda com o fim da guerra fria, ocupam-se do pós holocausto nuclear - *O dia seguinte*, *A Estrada* e *O livro de Eli* serão os exemplos mais conhecidos – ou químico-bacteriológico – a famosa saga *Resident Evil*.

Os que optam por causas naturais, com ou sem concorrência de culpas humanas, anteveem vários fins terríveis: chuvas de meteoros (*Armageddon*), mega tempestades (*O dia depois de amanhã*), ventos solares (*Presságio*), redução da velocidade de rotação da Terra (*Detonação*), aquecimento do núcleo do planeta (2012).

Por último, os que imaginam alienígenas, quase sempre mais poderosos, mais feios e mais maus do que nós: do clássico *A Guerra dos Mundos* ao épico *4 de Julho*, passando pelo insólito *O dia em que a Terra parou*.

O mais recente filme catástrofe é, talvez, o do já referido Lars von Trier. Digo talvez, porque bem pode suceder que a anunciada colisão do planeta vagabundo *Melancholia*, emergindo dos confins da galáxia, (lindo e azul como a Terra, suprema ironia!) mais não seja do que uma metáfora, destinada a sublinhar o estado de espírito da personagem magnificamente representada pela atriz Kirsten Dunst, que atravessa todo o filme até à sua extinção humana com aquele ar magnificamente enfadado que Fernando Pessoa deveria ter quando se queixou de que lhe doíam a cabeça e o universo.

João Caupers

O filme é extraordinariamente perturbador: saímos nós da sala com um inexplicável mal-estar.

Suponho que a explicação está na circunstância de se tratar de uma obra que nos confronta com a destruição total e absoluta da humanidade. Ao contrário de outros filmes, em que se salvam sempre alguns milhares de seres humanos - nem que sejam apenas os mais ricos ou poderosos, como em *2012* – em *Melancholia* a humanidade extingue-se por completo. Mesmo em *Presságio*, em que o planeta era incinerado por um sol enfurecido, alienígenas aparentemente bem-intencionados salvavam umas tantas crianças sobredotadas (possivelmente para as colocarem num jardim zoológico intergaláctico, no setor de espécies em vias de extinção...). Até em *O dia em que a Terra parou*, um Keanu Reeves alienígena, encarregado de destruir a Terra para “purgar” o universo dos pecados dos homens, se condoía da espécie humana, mudando de ideias mesmo no final da película!

Nós, seres humanos, gostamos de pensar que somos importantes. Mais: imprescindíveis ao universo. É-nos impensável a extinção absoluta. Alguém ou alguma coisa salvará a humanidade – ou, ao menos, uma pequena parte dela – no derradeiro minuto: uma divindade compassiva, um extraterrestre arrependido, um milagre biológico (*A Guerra dos Mundos*) ou a tecnologia americana (*4 de Julho, Detonação* ou *Armageddon*), mais recentemente combinada – sinal dos tempos – com a mão-de-obra chinesa (*2012*).

A crua verdade é que somos insignificantes à escala do universo: a nossa Terra, linda e azul também, não é mais do que uma Massamá da periferia da nossa galáxia. Desde que o universo existe, já devem ter desaparecido, sem deixar rasto, milhares de planetas, alguns como o nosso. O universo limitou-se a um encolher de ombros desinteressado.

O que nos perturba em *Melancholia* é que o que se extingue não é apenas a nossa vida atual e futura: é também o passado da humanidade. Segundos depois da

João Caupers

colisão, com os nossos átomos dispersos, o universo não teria qualquer memória de nós, como se nunca tivéssemos existido. É isto que nos é insuportável: não seria, simplesmente, a morte: seria – diria, porventura, um jurista deformado – a eliminação retroativa da vida.

Melancholia mata a esperança: é isso que nos faz sair da sala acabrunhados.

NOTA FINAL: a frase de Fernando Pessoa que citei, com uma pequena adaptação, também serve para retratar o meu estado de espírito depois de ler, durante mais de uma hora, a degradante história envolvendo maçonaria, deputados, serviços de informações e empresas de comunicação: doem-me a cabeça e a democracia.